

(x) Graduação () Pós-Graduação

LUTO INFANTIL: como a escola lida com essa situação?

Suelen Dayanne Limberger de Oliveira
Pedagogia/CPNV/UFMS
suh.limberger@gmail.com

Fábio da Silva Rodrigues
CPNV/UFMS
f.rodrigues@ufms.br

RESUMO

O objetivo deste artigo foi problematizar o papel da escola no que diz respeito às situações de luto na infância, bem como analisar a qualificação e as práticas adotadas pelos profissionais da educação no contexto da escola. A pesquisa é de natureza qualitativa, bibliográfica e de campo, investigando como a escola e os profissionais da educação trabalham a questão do luto infantil. Participaram da pesquisa 3 psicólogas que atuam na área da educação desde o ensino de educação infantil até o 9º ano do ensino fundamental de insituições particulares de Naviraí (MS). Como instrumentos de coleta de dados foi adotado um roteiro de entrevista semiestruturada. Os resultados revelam que crianças podem ter seu rendimento escolar prejudicado em função do silêncio que sentem em torno da morte e das reações apresentadas durante o processo de luto. Conclui-se que, embora a temática seja recorrente no ambiente escolar, os professores carecem de formação para abordar essa questão, no intuito de apoiar as crianças enlutadas. Dessa forma, a responsabilidade pelo apoio que deveria acontecer no contexto escolar é transferida para os familiares, revelando a necessidade de experiências de formação sobre essa temática no sentido de contribuir para um preparo adequado dos profissionais da educação.

Palavras-chave: Morte; Luto infantil; Formação de professores; Escola; Capacitação de professores.

1 INTRODUÇÃO

O luto e o processo de aprendizagem na infância é um tema pouco discutido no meio acadêmico, porém de grande importância, uma vez que o corpo docente muitas vezes se defronta com essa situação. A morte e o luto são fenômenos presentes na vida de todo ser vivo, pois em determinado momento da vida todos serão afetados direta ou indiretamente pelo sentimento da perda, da ausência, do desaparecimento. Quando isso ocorre de forma repentina, o trauma pode ser ainda mais nocivo. Mas como conduzir essa questão com as crianças? Que impactos a perda, sobretudo a repentina, pode gerar nas crianças no processo de aprendizagem?

Para Bowlby (1985) só existe luto quando houve um vínculo que tenha sido rompido. Quando esse vínculo, que antes era de proteção, cuidado e convivência é rompido, passa-se a uma situação temerosa e ameaçadora, fazendo com que o luto e a desvinculação da proteção e sobrevivência dessa resulte em sofrimento, expresso de forma diferente de acordo com cada cultura. A morte de um dos pais, avós, colega de classe, pode trazer ao enlutado uma dificuldade de uma maneira geral, não somente na escola.

Assim, a presente investigação tem como tema o luto na infância e o trabalho do educador e da instituição no processo de desenvolvimento e aprendizagem. Em outras palavras, a problemática que pretendemos investigar pode ser assim expressa: A escola tem orientado os professores a trabalharem o tema da morte em sala de aula, assim como tem orientado a lidar com as mudanças comportamentais que podem aparecer durante o processo de luto? Os professores encontram-se preparados para discutir a temática do luto em sala de aula?

A morte, de certa forma, é temida por todo o ser humano. Sendo assim, a importância do tema está no fato de que o assunto morte normalmente é silenciado nas conversas entre adultos e principalmente quando estas são presenciadas por crianças. Para Kovács (1992) é nosso maior medo na qualidade de seres humanos, e acredita-se que são poucas as escolas que discutem o tema. Pais e professores devem dialogar com as crianças a respeito da morte, permitindo discutir, sinceramente, essas questões em casa e em sala de aula, contribuindo com a construção à respeito dos conceitos de vida e de morte (KOVÁCS, 2003; 2012a).

Neste entendimento, para Kovács (2010, p. 145), “[...] a imprevisibilidade deixa todos vulneráveis, pobres e ricos, homens e mulheres, atinge uma pessoa ou toda a comunidade. Pode ocorrer em virtude de acidentes da natureza ou ser produzida por guerras”. A criança começa a entender a questão da morte a partir dos quatro anos de idade, e o modo como ela entende esse conceito varia de acordo com sua personalidade, ambiente social, cultural e religioso, bem como sua educação familiar, conforme destaca César (2001). Mas a questão mais importante é a forma

como a família aborda o tema, não sendo sensato o uso de eufemismos, como “papai foi pro céu”, “mamãe virou uma estrela”, “vovó foi dormir com Jesus”, quando for comunicar a morte de alguém para a criança, pois como destaca Bromberg (2000), isso só a confunde, uma vez que, dependendo da idade compreende a linguagem de forma literal.

Para a criança entender de fato o que é morte é fundamental que ela entenda a concepção de irreversibilidade e a concepção de universalidade. Segundo Torres (1999) a irreversibilidade diz respeito à compreensão de que o corpo físico não pode viver depois da morte, ou seja, quando se morre não volta a viver, e a universalidade refere-se à compreensão de que tudo que possui vida está sujeito à morte. Sob outro aspecto, a morte se configura num tabu, tem-se a falsa impressão de que se não testemunharmos o funeral, a pessoa continua viva, e isso pode causar sérios danos. Assim, quando se é negada a morte de um semelhante ele também está afastando de si a eventualidade de um dia enfrentar a sua própria morte (PEREIRA, 2013).

Diversas são as maneiras de se compreender a morte e, conforme Kovács (1992) é possível compreendê-la como uma perda, uma ruptura, uma desintegração, ou ainda, como um encanto, um arrebatamento, uma viagem, e, um alívio ou descanso; a criança pode então, dependendo de sua relação com o morto e, de acordo com seu desenvolvimento cognitivo moldá-la em algum desses adjetivos. Se por exemplo, for um parente próximo que estava na fase terminal de um câncer, ela consequentemente irá entender essa morte como alívio.

Ainda sobre o conhecimento da morte pela criança, Bromberg (2000) aponta que o entendimento de morte pode variar, segundo os seguintes fatores: o período do desenvolvimento psicológico da criança, o modo como os adultos lidam com a morte e o vínculo que a criança tinha com a pessoa falecida. A criança precisa de uma atenção redobrada ao perder um dos pais, pois segundo Raimbault (1979), quando a criança perde um dos genitores, além de perder um objeto de amor, ela também perde uma base identificadora. Em uma sociedade marcada por divergências, a morte é permanente e vista diariamente. As crianças expostas, são afetadas de diversas formas e, o problema não é a morte em si, mas, o que se segue após, ou seja, o luto.

Isto posto, o objetivo geral do presente artigo é problematizar o papel da escola no que diz respeito às situações de luto na infância. Quanto aos objetivos específicos, são os seguintes:

- i)* Investigar quais os níveis de capacitação dos professores quanto à temática do luto infantil;
- ii)* Analisar o papel da escola na orientação dos professores para tratar do luto infantil;
- iii)* Conhecer a percepção dos professores acerca de mudanças sentidas no aspecto psicológico da criança decorrentes do processo de luto;
- iv)* Identificar as estratégias utilizadas pelos professores e a escola para lidar com a criança enlutada.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A MORTE E O LUTO NO AMBIENTE ESCOLAR E A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR

Em nossa sociedade testemunhamos uma mudança na maneira como os adultos lidam com a criança e suas emoções, em especial a criança que passa por situações de perda de entes queridos, ou familiar próximo. Bowlby (1985) aponta que o rompimento de uma relação ou uma perda, provoca diversos sentimentos e comportamentos, podendo levar o enlutado ao entorpecimento e a melancolia, a um período de desorganização e depressão, até que possa iniciar um trabalho de elaboração desta perda, resgatando a organização da própria vida.

A escola deve entender que se trata de um processo e o professor deve estar preparado. Segundo Kovács (2010), a maioria dos educadores não acreditam que seja sua função falar sobre o tema da morte com os estudantes, sendo essa uma tarefa da família. E esse pensamento pode dificultar a elaboração do luto da criança, já que muitas vezes a família também não aborda o assunto. A escola não substitui a família, mas seu auxílio é importante. Para a autora deve-se entender que a morte faz parte da vida de muitas crianças, e considerado que as crianças passam boa parte do dia na escola, faz parte do trabalho do professor atender aos estudantes enlutados.

Sendo a escola o espaço social mais diverso e frequentado pela criança, considerando que cada estudante tem uma vivência particular, toda equipe pedagógica deve se dedicar em ajudar o estudante a ultrapassar essa fase, além de oferecer circunstâncias materiais concretas para que isso de fato aconteça. Kovács (2012a, p.155) discorre a respeito de uma educação para a morte: “como pensar a educação para a morte no novo milênio, o que propor? Devemos pensar na ampliação do escopo da educação para a morte numa sociedade onde convivem a morte interdita, a busca da sua reumanização” (KOVÁCS, 2012a, p.155).

Como a elaboração da perda é diferente para cada pessoa, o professor deve buscar conhecer a respeito do tema, de modo a possibilitar o direcionamento adequado da situação. E, se essa concepção durar por muito tempo, o professor deve buscar orientação e ajuda profissional da área psicológica. Nas palavras de Kovács (2005, p.486) podemos encontrar uma espécie de suporte que pode ser um auxílio para esse desafio:

Não temos uma resposta simples, única, total, dogmática e padronizada, e, sim, a possibilidade de busca inerente ao ser humano que, mesmo esmagado por uma sociedade desumana e massificadora, pode florescer e desenvolver-se (KOVÁCS, 2005, p. 486).

Paulo Freire (1996, p. 41) chama de ser transformador. “assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador [...]”. Para transformarmos precisamos nos transformar também. Talvez lidar com a morte dentro da sala de aula, seja um

ato que desafie o educador para mudanças, mas que seja possível de ser realizado.

Conforme consta no artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (BRASIL, 1996, P.01), “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”. No entanto, não fica provada a garantia de formação que abranja a totalidade do ser humano e capacidade no seu aspecto espiritual, emocional e existencial, mas notamos interpretações que compreendem a “valorização da experiência extraescolar” (BRASIL, 1996, p.01), “a formação de atitudes e valores” (BRASIL, 1996, p.11), e o “aprimoramento do educando como pessoa humana” (BRASIL, 1996, p.12).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997, p.9) apontam que, a escola deve trabalhar com temas dos quais vivenciamos, procurando “desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de interrelação pessoal e de inserção social”, além dos conhecimentos científicos. Os PCN também apresentam conteúdos sobre interdisciplinaridade e a transversalidade, sendo eles: “Ética, Pluralidade Cultural, do Meio-ambiente, da Saúde, e da Orientação Sexual” (BRASIL, 1997, 49 p.15). Esses temas, de acordo com Santos e Incontri (2011), poderiam discorrer a questão da morte, que pode ser proposta em uma concepção sociocultural, filosófica e religiosa dentro das questões da ética, saúde e meio ambiente.

Kovács (2012a), descreve que os professores têm importante influência na vida dos estudantes e devido a isso são fundamentais na atenção ao luto e suas demonstrações no dia a dia do aluno enlutado. Santos e Incontri (2010), destacam que é importante que o futuro educador (estudante) crie habilidades e atitudes racionais, intelectuais, emocionais e afetivas, e que tenha um domínio dos assuntos ligados à afetividade, onde estão grandes resistências, tal qual possibilidades de um real método educativo. Kovács (2012a), novamente menciona a importância de um preparo educacional para a perda e a para a morte, com a finalidade de que essa fase do ciclo da vida seja entendida com naturalidade. Santos e Incontri (2011, p.79), apresentam uma educação para a morte que leva em consideração uma diversidade de

[...] atividades educacionais e experiências relacionadas à morte e abrange temas fundamentais, como os significados e atitudes em relação à morte, aprendizado sobre emoções e sentimentos, questões existenciais e espirituais, os processos de morte e luto, e cuidados para as pessoas afetadas pela morte. A educação para a morte é baseada na crença de que as atitudes e práticas de negar, desafiar, e evitar a morte, vistas na cultura brasileira, podem ser transformadas, e assume que os indivíduos e instituições serão mais capazes de lidar com as práticas relacionadas com a morte como resultado de esforços educacionais.

Os autores salientam que não existe uma fórmula eficaz para lidar com a temática da

morte, mas é necessário pesquisar um modo de deixar os indivíduos emocionalmente prontos para lidar com a morte, pois essa situação pode surgir a qualquer momento no decorrer da vida. O professor deve observar e notar o comportamento da criança enlutada, suas atitudes, mudanças comportamentais, se a criança apresentou sentimentos de insegurança, retraimento, descontentamento, regressão e inadequação ao ambiente escolar. Observar se a criança apresentou relutância em estabelecer contato com o ambiente, afastamento de trocas interpessoais, falta de tato ou oposição, timidez e receio nas relações com os outros, preocupação com o contato. Até mesmo se demonstrou uma necessidade interna de receber calor emocional do exterior e de expressar acessibilidade (SILVA, 2011).

Os professores devem estar atentos às mudanças comportamentais que podem surgir nas crianças durante o processo de luto. Desta forma, Silva (2011, p. 18), destaca que “como a fase de elaboração da perda é diferente de pessoa para pessoa, o professor deve procurar conhecer o tema, de modo a possibilitar o encaminhamento adequado e necessário a esse aluno”.

Os professores de estudantes enlutados devem saber que eles poderão apresentar uma dificuldade de se mostrar no contato interpessoal, conflitos e medo de rejeição. Poderão demonstrar controle da fantasia, minuciosidade, preocupação com detalhes, necessidade de chamar a atenção e de ser visto, de ser notado. Poderão demonstrar também um sentimento de forte pressão ambiental, pela realização na escola, desejo de realizar e de ter sucesso, controle rigoroso sobre a vida impulsiva, inadequação das defesas do ego, conflitos profundos, dificuldade para relaxar, repressão dos estímulos anteriores. Assim como, poderão revelar imaturidade e dependência, e o desejo de obter aprovação e aceitação social.

Naletto (2005), enfatiza a importância da escola em habilitar os professores durante o ano escolar, pensando em métodos, planos de ação para lidarem com as situações de perdas e de luto. Pois, um dos acontecimentos mais difíceis de lidar, de administrar são as mortes repentinas, que pode ser um aspecto complicador no processo de elaboração do luto.

2.2 CONCEITUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DO LUTO INFANTIL.

Algumas crianças, quando encaram situações de perda de alguém próximo, na fase do luto podem desenvolver doenças de caráter emocional, principalmente pelo fato da criança ser um indivíduo vulnerável, por ter pouco entendimento sobre o mundo e da vida. Kovács (2010, p.148) aponta que “[...] crianças que vivenciaram perdas podem apresentar problemas sociais, baixa autoestima e ansiedade, o que ressalta a necessidade de que os professores saibam desses fatos, para compreender e acolher seus alunos”.

Freud, em Luto e Melancolia (2010), retrata o luto como um trabalho que o ego tem de

realizar para adequar-se à perda do objeto amado, diante da percepção ocasionada pelo teste de realidade de que esse foi perdido. A elaboração do luto foi explicada na teoria psicanalítica como um processo de identificação com o objeto perdido, no qual há dispersão gradual da aplicação libidinal nesse objeto e aplicação libidinal em novos objetos.

Esse processo não acarreta o desligamento total do objeto perdido, visto que a ligação com o objeto interno permanece e atribui um novo significado durante o processo de luto. É esse trabalho de resignificação, de transformação da relação com o objeto perdido, que consente a elaboração do luto (FREUD, 2010). A perda de um ente querido é descrito por Freud (2020) como um processo elaborativo que depende da atividade do sujeito e pode ser ou não bem-sucedido. É um modo de elaboração psíquica que baseia-se na ligação do aparelho psíquico de impressões traumatizantes, união de excitações e criação de conexões associativas entre elas que diferem a melancolia gerada pelo luto.

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em auto recriminação e auto envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. Esse quadro torna-se um pouco mais inteligível quando consideramos que, com uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto (FREUD, 2020, p. 22).

Freud (2010, p.128.), quanto ao luto, aponta seu caráter saudável na medida em que proporciona ao sujeito se deparar com um caminho frente à perda sofrida. "Via de regra, luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc". Quando a criança perde uma pessoa próxima à ela como pai, mãe, irmão ou irmã, avós, ela fica triste, confusa. E isso também é sentido por seus familiares, que doloridos, estão sem condições de manter a intensidade de cuidado e atenção que antes eram voltados a ela. É importante que, passado este período de crise, ela volte a sentir-se segura e bem cuidada. Para Bromberg (2000, p. 60), o luto infantil é freqüentemente apontado como um fator de vulnerabilidade a muitos distúrbios psicológicos na vida adulta. Esses distúrbios podem ser psiquiátricos bem como, podem causar problemas de saúde.

A criança sentirá a perda de uma pessoa significativa e, por isso, deve ser permitido a ela um espaço para que sua dor possa existir. "A criança não conhece muito bem como é o processo da morte, mas experimenta a ausência que ela vive como abandono" (ABERASTURY, 1984, p.135) e, nesse aspecto, a linguagem tem papel fundamental, pois à medida que se oportuniza falar sobre um tema, nesse caso a morte de um ente querido, a criança passa a compreender melhor sobre sua perda e, conseqüentemente, sobre os sentimentos que envolvem

o luto. Segundo Kovács (2002), o luto é finalizado quando a criança consegue guardar, dentro de si, a presença da pessoa perdida mesmo na sua ausência, e é esse processo que permite o estabelecimento de outras relações.

2.3 O PAPEL DO PROFESSOR AO TRABALHAR COM A CRIANÇA ENLUTADA.

A partir do conhecimento sobre o luto infantil e o processo por qual cada criança que passa pelo mesmo pode elaborá-lo, o professor nesta perspectiva, precisa estar atento a essas mudanças comportamentais, além das mudanças já citadas anteriormente por Kovács (2010), outras também podem se seguir durante o processo de luto como, por exemplo: distanciamento dos colegas, distúrbios alimentares, comportamento agressivo, déficit de atenção entre outros.

Em vista disso, é necessário que os professores acolham o estudante enlutado em seu jeito de ser, compreendendo seus sentimentos e suas reações diante do que ele está vivenciando, permitindo que expresse suas emoções, pois, a partir de sua fala e suas brincadeiras e de outras situações que ocorrem no ambiente escolar, a criança poderá deixar a tensão de lado e, com as experiências adquiridas vai conseguir, mesmo que lentamente, um conhecimento de mundo e, conseqüentemente, acerca do término do ciclo da vida.

É aconselhável, trabalhar com a criança usando recursos como brincadeiras, jogos e o lúdico, pois de acordo com Silva (2007, p. 31), “[...] no lúdico a criança se sente mais confiante e a vontade para expressar seus medos, angústias, sofrimento e fantasias a respeito das perdas e da morte”. Tendo o lúdico como instrumento, o professor pode explorar métodos de mostrar à criança a fragilidade da vida.

Outro modo de trabalhar esse assunto em sala de aula sem constranger a criança é promover brincadeiras que busquem sua socialização, visto que em razão do processo de luto a criança pode distanciar-se dos colegas. O professor quando estiver observando de que forma a criança usa esses momentos para se expressar, pode se localizar no seu universo e então auxiliar o aluno, buscando encaminhar melhor sua aula de forma que o estudante, mesmo com as limitações momentâneas derivadas do luto, participe das atividades (SILVA, 2007).

O ato de brincar, de acordo com Bomtempo (1997), permite que a criança seja apta a lidar com as dificuldades psicológicas, porque nessa ocasião ela busca constituir experiências, sejam elas de dor, medo ou perda, pode também entender conceitos de bom e mal. Nessa perspectiva, os professores devem estimular seus alunos a brincarem, porque esse ato se caracteriza numa válvula de escape e pode ajudar a criança que passa por um processo de perda.

Durante a brincadeira a maioria das crianças entram em seu próprio mundo. Se o

professor nota que ela se sente melhor durante a brincadeira, pode estender esses momentos, pois para Vygotsky (1984, apud BOMTEMPO, 1997, p. 64)

[...] o brincar tem sua origem na situação imaginária criada pela criança, em que desejos irrealizáveis podem ser realizados, com a função de reduzir a tensão e, ao mesmo tempo, para constituir uma maneira de acomodação a conflitos e frustrações da vida real.

Diante disso, destaca-se que as atividades lúdicas permitem que a criança demonstre o papel ora passivo, ora ativo. Isso pode, de acordo com Bomtempo (1997), reduzir o efeito traumático que alguma experiência recente possa ter causado, e deixar a criança melhor preparada para, quem sabe, ser colocada novamente no papel passivo se uma nova situação exigir. Para o autor, isso explica em maior parte o efeito benéfico da brincadeira. Podemos atinar o quão necessário e importante é o ato de brincar para crianças, especificamente para aquelas que enfrentam um processo de luto. A escola, como instituição designada a educar e preparar os alunos para as mais diversas experiências, pode ter como instrumento auxiliador num caso como esse, o brincar, livre e espontâneo, que como mencionado anteriormente, ajuda a criança a passar por esse processo doloroso.

Iniciar diálogos referentes à morte, também devem proporcionar uma esfera de movimentos e debates referentes ao tema, trazendo-o para o convívio do educador e do estudante. Em vista disso, no período de formação dos profissionais da educação é essencial que trabalhe-se conteúdos que colabore no desenvolvimento de tais habilidades.

[...] comunicação em situações de perda e morte, com crianças e adolescentes; integração de crianças ou jovens doentes, egressos de internação hospitalar com sequelas; ações direcionadas a crianças e jovens com comportamentos autodestrutivos, ideação ou tentativas de suicídio (KOVÁCS, 2012b, p. 78).

Mediante as questões referentes ao educador e às formas de trabalhar a temática da morte no ambiente escolar, Kovács (2003), disserta a respeito da perspectiva de utilizar a literatura para que o estudante preceitue uma comparação com a existência humana e estenda seu entendimento sobre a morte. Kovács (2012a), também sugere o trabalho com filmes que tratem sobre o tema e proporcionem reflexões e discussões relativas à morte.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa que consiste em um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. O uso desse tipo de pesquisa se baseia no aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada (GIL, 1999). A análise ocorreu a partir do aprofundamento dos dados que ficaram contidos na

estrutura das entrevistas e pesquisa bibliográfica.

Foi realizado um levantamento bibliográfico relacionado ao tema e a metodologia da pesquisa e especialistas sobre a temática trabalhada, por meio de leituras de livros, artigos, periódicos, consultas na internet entre outras produções científicas. A técnica utilizada para a coleta de dados foi o uso de entrevistas semiestruturadas com os profissionais da educação. De acordo com Marconi e Lakatos (2011, p. 279) a entrevista despadronizada ou semiestruturada é “quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente a questão”.

Foram entrevistados três profissionais, sendo eles psicólogos, que atuam na área da educação desde o ensino de educação infantil até o 9º ano do ensino fundamental, em instituições de educação particulares que já tenham identificado e inserido estudantes enlutados, localizadas no município de Naviraí, no estado de Mato Grosso do Sul. Foi utilizado gravador de voz do *smarthphone* para saber como é desenvolvido o papel do professor com esses estudantes diante da apresentação de dificuldades no aprendizado ou distúrbios comportamentais causados pelo luto, bem como sua postura ao se defrontar com tais situações.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 ENFRENTAMENTO DAS SITUAÇÕES DE LUTO NO CONTEXTO ESCOLAR.

Para compreender como os profissionais da educação lidam com o conceito de morte em seu ambiente de trabalho, questionamos-lhes se eles já haviam trabalhado com alguma criança em período de luto e como foi a experiência de cada um. Nas falas dos entrevistados, observamos que todos já passaram pela experiência e os profissionais da área psicológica nos relatam que em todos os casos, devem-se conhecer a criança, sua história com a pessoa perdida e com os familiares sobreviventes e quais dificuldades essa criança enfrenta no momento.

P1: Sim, eu já trabalhei. A criança chega com esse processo de luto e de dor, muitas vezes através não somente da tristeza, mas também através da hiperatividade, da agressividade, então não necessariamente a criança vai conseguir colocar para fora através somente do choro da lágrima, ou da tristeza, ela coloca de outras maneiras também. Entendemos que o processo tem que ser feito através da ludoterapia.

P2: Sim! Tive esta experiência no ambiente escolar e no ambiente clínico. Esta é uma experiência rica em emoções, que requer muita empatia, acolhimento, resiliência.

P3: Sim, já trabalhei. Geralmente a família chama a gente para explicar o que tá acontecendo ou os professores percebem que a criança mudou em que ela tá mais quieta, retraída. Geralmente são feitas sessões de acompanhamento com a criança onde eu avalio se ela tem capacidade para enfrentar aquilo sozinha, se ela possui todas as defesas. Caso ela não possua, é feito o

encaminhamento para uma psicóloga que atende mesmo a psicoterapia.

Esses relatos revelam que a escola tem frequentemente o contato com a criança em período de luto, e por mais que os profissionais estejam adaptados a trabalhar com a criança nessa fase, existem desafios a serem enfrentados pelos professores no cotidiano escolar. Em vista disso, os profissionais da educação precisam permanecer alertas aos comportamentos dos estudantes a fim de que consigam ampará-los e acolhê-los carinhosamente.

[...] Como crianças ainda não se expressam bem com palavras, outros recursos são fundamentais, como brinquedos ou desenhos. Buscam o adulto como apoio, que pode acolher e legitimar seus sentimentos, responder perguntas, numa tentativa de ordenar o mundo abalado após perdas significativas (KOVÁCS, 2012).

E, para que isso ocorra, os professores precisam de diretrizes sobre como lidar com a morte e o luto no ambiente escolar. O luto infantil é um processo que deve ser trabalhado, tanto individualmente, quanto com aqueles com quem a criança convive. Questionamos então, qual a forma ideal de se trabalhar a questão do luto infantil na escola e se existe um protocolo.

P1: Existe um protocolo a ser seguido. Primeiro, deve-se observar essa criança, pois cada um apresenta um sintoma. Algumas ficam tristes, quietas, chorosas, outras hiperativas, agressivas. Observando essa criança você consegue orientar o professor e a família para acolher afetivamente essa criança na escola.

P2: Acredito que a melhor forma de trabalhar o luto infantil é ter a habilidade de uma escuta acolhedora. É difícil seguir protocolos em situações tão subjetivas, entendemos que cada um reage e externaliza suas emoções de formas únicas, partindo deste pressuposto, escutar o que a criança tem a dizer pode nos direcionar.

P3: A gente individualiza os casos e não tem protocolo, é de acordo com que a criança chega, ou os professores chegam com a demanda aí eu devolvo, não tem protocolo.

Destacando as contradições mencionadas pelos entrevistados, observamos no texto de TOMA, OLIVEIRA, e KANETA (2014) que mencionam o protocolo de Spikes, destacando que não existe um roteiro a ser seguido.

[...] Damos atenção especial ao protocolo Spikes, que se destaca pelo uso enfático da empatia e pelo cuidado com a compreensão e os sentimentos dos pacientes. Ele é definido por seus autores como estratégia de abordagem, e não roteiro a ser seguido categoricamente, que realça as características mais importantes das notícias ruins e sugere métodos para se lidar com a situação (TOMA, OLIVEIRA, e KANETA, 2014, p. 547).

Todos concluem que pais e professores precisam estar preparados para auxiliar a criança com a ajuda de um profissional da área da psicologia. Sendo assim, questionamos se a escola possui um planejamento para lidar com o luto infantil.

P1: A gente procura dar força à família, estar presente na vida da criança para observá-la e para acolher, dar afeto, porque através do afeto a gente consegue fazer com que o outro desenvolva empatia, compreensão e assim a criança sente mais acolhida.

P2: Enquanto escola nosso planejamento e missão é o de acolher tanto a criança e a família. Tivemos situações onde tratamos o assunto com os alunos, auxiliamos no acolhimento de quem vivenciou a perda e está vivendo o luto.

P3: Não possui. O planejamento é sempre o professor observar e passar para o psicólogo o que está acontecendo, aí de acordo com cada caso, eu traço o planejamento que vai ser seguido.

Vemos assim, a especificidade de cada caso e a importância do professor estar preparado para lidar com a criança enlutada, bem como o acompanhamento do psicólogo dentro da instituição, pois o mesmo saberá tanto como orientar o professor, quanto a melhor forma para agir dentro da particularidade de cada caso. Para Torres (1996), o diálogo com a criança sobre a morte deve levar em conta sua capacidade compreensiva, de acordo com o período de desenvolvimento. Questionamos como os profissionais acreditam que deva ser o processo ideal de “contar para a criança”, sobre a ocorrência da morte dos pais, para que as sequelas/consequências sejam menores no aprendizado e no comportamento da criança.

P1: Depende de como essa criança está e qual a idade e a maturação do desenvolvimento. A informação que eu dou para uma criança de 1 ano é uma, para uma criança 4 anos é outra. Assim, conseguimos ver quais são as coisas concretas e abstratas que essa criança consegue absorver e a forma que tem que ser contado pra ela. Se eu não sei como ou se eu tenho dúvida de como falar com o meu aluno, não faça nada, não fale. Procure uma pessoa tenha formação, para que isso seja contado de uma maneira qualitativa para que essa criança sinta o mínimo de dor possível.

P2: Falar sobre forma ideal é difícil, pois caímos em protocolos, e nem sempre o protocolo que faz sentido para um, fará sentido para outra pessoa, acreditamos que cada ser é único e tem o mundo dentro da pele. Acreditamos que o diálogo franco seja eficiente, claro que este diálogo precisa estar adequada para cada faixa etária.

Ao analisar essas falas, percebemos a importância do diálogo com a criança enlutada. Kappel (2013), destaca que a conversa com a criança, permite que ela reorganize seus pensamentos e exteriorize seu sofrimento. Para ela, é preciso que o adulto informe a criança sobre o luto, para que assim ela possa compreender seus sentimentos, expor ou tirar suas dúvidas. A forma contada para a criança deve ser levada em conta, pois a maneira que a criança recebe a informação pode gerar entendimento, bem como pode gerar traumas.

A criança pode reproduzir as informações que recebe dos adultos, conforme destaca uma das entrevistadas quando comentado sobre o texto de Yaegashi, Antunes e Lira (2019).

[...]P9: Olha tive uma (risos) que foi até engraçado. Era na educação infantil

[..] Professora “o cachorro do meu pai morreu” (risos) – “Ah o cachorro de seu pai morreu, daí você arruma outro cachorrinho né, o papai arruma outro cachorrinho, tudo bem”. Ela falou: “Não professora o cachorro do meu pai morreu”, aí que fui... aí perguntei para as meninas, aconteceu alguma coisa? Que eu cheguei na escola agora. “É que o pai da (menciona o nome da criança) morreu, ele estava com o carro com mulheres num acidente fazendo farra” (YAEGASHI; ANTUNES; LIRA. 2019, p.118).

P3: Acho que os responsáveis para contar sobre essa morte, tem que ser direto e tem que respeitar a compreensão da criança? Digamos, como nesse caso, para que falar para criança que o pai estava com um monte de mulher no carro? Não, seu pai morreu de acidente de carro, pronto. Daqui a um, dois, três anos, quando ele compreender, pode dizer, “não seu pai estava com outras mulheres também dentro do carro, se acidentou e morreu”.

Observamos que a morte faz parte do cotidiano das crianças, e que falar sobre a morte, previne fracassos no processo de ensino/aprendizagem do estudante, bem como o agravamento de problemas emocionais (KOVÁCS, 2012a), desde que dito de forma adequada à criança, levando em consideração sua idade, preparo e emocional. Magalhães (2008, p.36), aponta que, tanto professores quanto os pais devem ter preparo para apoiá-las nas situações de perdas, “mostrando-as como enfrentar a morte e a perda de algo ou alguém de modo real e sensível, para que no futuro possam superar essa dolorosa experiência de modo saudável”. Ou seja, o preparo é essencial para que esse apoio aconteça de forma qualitativa.

4.2. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE ABORDAM A MORTE E O LUTO.

Ao questionar sobre a importância da criação de um ambiente/espço de discussão e capacitação dos docentes para lidar com a questão do luto infantil dentro do ambiente universitário e quais conteúdos seriam considerados ideais para preparação dos docentes para lidar com o tema, ouvimos os seguintes relatos.

P1: É extremamente importante para que a gente fale sim sobre o processo de luto. Não de luto em si, mas que a gente fale sobre morte! Agora se vai existir luto ou não, aí já é uma outra conversa. Então se a gente conseguir falar sobre a morte a gente vai conseguir atuar em cima do luto.

P2: Acreditamos que seria sim importante esta capacitação. Falar sobre as fases do luto, o que pode ocorrer e o que não pode ocorrer seriam pontos primordiais

P3: Seria muito importante a criação de cursos de extensão. Poderia fazer uma oficina, verificar as questões da agressividade, da violência, do isolamento, todas essas questões seriam bem interessantes. Ajudaria o professor a se preparar. Poderia incluir um espaço em que os professores pudessem estar conversando a respeito, aprendendo sobre como lidar com todas essas questões, com o luto, o abuso, a separação.

Pode-se observar nas falas apontadas pelos profissionais, que as mesmas reafirmam os

estudos de Kovács (2010; 2012a), relacionados à importância das discussões sobre a morte no ambiente educacional, com o objetivo de preparar os professores para auxiliarem os estudantes que vivenciam perdas. Todavia, essas orientações não são postas em prática no ambiente escolar, por mais que sejam necessárias. Mas, por que não são colocadas em prática?

Seria o fato de que muitos educadores não querem, ou não sabem como se dedicar às atividades que envolvem o tema da morte nas escolas? Seria o motivo do despreparo na formação dos profissionais da educação, por não discutirem ou não terem aprofundamento a respeito dessa temática? Seria o custo que a abordagem do tema traria, tanto na preparação do professor para lidar com o tema, quanto nas instituições de educação básica de ensino?

Ao questionar as entrevistadas sobre a abertura que a LDB e o PCN dão para o trabalho interdisciplinar sobre a morte na educação, e para que relatassem diante de suas percepções, por que ainda existe tanta dificuldade em abordar esse tema na sala de aula, relataram:

P1: É um tabu. E a partir do momento que é tabu ainda vai ser e ainda terá dificuldade. Então tenho certeza que por exemplo, as famílias não têm essa questão do cotidiano e da rotina de poder sentar na sala e vão falar sobre morte hoje. Então qual é a nossa tendência? É negativar, ou não falar, como se não existisse.

P2: Acredito que existe dificuldade em abordar este assunto na grande maioria dos ambientes. Cito novamente que falar sobre luto ainda é um tabu, algumas pessoas preferem tratar deste no momento que ele ocorre.

P3: Acredito que não existam profissionais capacitados para abordar esse tema de uma forma eficiente com os alunos. Porque se o professor identifica e a criança no caso, não tem como acompanhar psicologicamente o que o professor pode fazer? O que eu vejo hoje em dia é que o currículo escolar é muito extenso, são muitas atividades, muitas matérias, tem um cronograma para cumprir.

Ao analisarmos as falas, concordamos com Kovács (2003), quando a autora declara que a perda de um dos pais, responsáveis, ou de alguém muito próximo à criança, pode vir a causar danos emocionais. De acordo com a autora, privar a criança como forma de proteção, não gera benefícios para seu crescimento pessoal, nem ao menos atenua sua dor. Para Kovács (2012a), a escola não tem a necessidade de transmitir conhecimentos científicos exclusivamente, mas também deve proporcionar o desenvolvimento humano. Dito isso, a escola não tem a necessidade de obrigar o estudante a manifestar seus sentimentos relacionados ao luto, mas pode auxiliá-lo a expressar os mesmos tranquilamente. Para isso, os profissionais da educação devem estar preparados. Mas ainda observamos a questão da morte ser considerada um tabu na sociedade, que faz com que os professores, familiares e demais adultos no convívio com a criança enlutada, evitem mencionar ou trabalhar sobre o assunto.

[..] Há uma espécie de tabu ao redor do tema da morte: não se deve falar no

assunto, muito menos compartilhar certas experiências. Desta maneira, perdemos a oportunidade de elaborar criativamente o símbolo da morte em cada um de nós. (KOVÁCS, 1992, p. 137).

Observamos também na fala da terceira entrevistada que o currículo escolar já provém de muitas atividades para serem elaboradas na sala de aula, e que o foco do professor está no cumprimento desse currículo durante o ano, deixando de lado a fala sobre a temática da morte.

4.3. O PREPARO DO PROFISSIONAL PARA ABORDAGEM DO TEMA.

Podemos contemplar que os profissionais entendem a necessidade de formação qualificada para falar sobre a morte, como pontuamos na questão a seguir. Vamos supor que, de forma geral, “os professores não estão capacitados a lidar com a questão do luto infantil na escola”. Acredita que ocorra uma deficiência na formação dos profissionais de educação?

P1: Acredito que não é só na formação de pedagogia que talvez tenham essa deficiência. É uma deficiência como um todo na formação geral do ser humano. Não podemos colocar no peso do desenvolvimento do professor a responsabilidade de atuar como psicoterapeuta. O trabalho do professor é ser esse orientador observando os sintomas da criança, recebendo essa criança de maneira qualitativa e afetiva e direcionando essa família para que ela possa procurar o profissional. Porque ele não pode assumir uma responsabilidade de psicoterapia, de elaborar, fazer com que a criança elabore esse luto dentro de sala de aula. Isso seria praticamente impossível.

P3: O professor já tem que lecionar, agora, incluir mais uma função para ele, é complicado. Tem um período em que é estudado, né sobre psicologia da personalidade da aprendizagem, sobre Piaget. Fala da sexualidade, de Freud que é bem por alto né, mas seria no caso essa preparação, né. Como o professor é preparado para lidar com a Sexualidade na infância e por que não com o luto e outras questões? Não precisa ser de uma forma obrigatória, mas como matéria obrigatória no currículo.

Os profissionais acreditam que é preciso que os professores sejam capacitados, não para tratar psicologicamente do estudante enlutado, pois não se pode colocar no professor toda essa responsabilidade, mas para que ele possa saber lidar com a situação, saber identificar esse estudante, cuidar do mesmo, informar à família e, se presente na instituição de ensino, informar e encaminhar ao psicólogo pois é o professor que está “na ponta do processo”, em contato direto com o estudante. Observamos que os professores colaboram pouco na questão do luto, porque não estão preparados, já que a escola não capacita e a formação de base é deficitária. Contudo, não se pode colocar apenas nos ombros do professor essa responsabilidade mas, ele deve estar preparado por estar em contato direto com o estudante. E como a universidade poderia auxiliar, não só o professor em formação, mas sim todo acadêmico para falar sobre a morte? Seria viável a criação de uma disciplina, tipo “código aberto”, optativa, EAD, para que qualquer estudante

de qualquer curso se matricule, oferecida indistintamente para tratar sobre a temática da morte. E pensando no contexto da comunidade escolar, para falar sobre morte, e especificamente nos casos envolvendo a criança enlutada, e os pais, como ficam? E as crianças, como ficam?

Compreender a criança, suas aflições e o modo como se defende das mesmas, bem como perceber a fase de desenvolvimento em que ela se encontra, são tarefas essenciais para a docência. No entanto, discutir sobre a questão da morte sempre estará sujeito ao conhecimento e sensibilidade que o docente possui sobre o processo do luto (MAZORRA & TINOCO, 2005).

Refletindo sobre uma deficiência na formação dos professores, os profissionais relataram:

P1: O que a gente tem que colocar em toda a universidade é o diálogo. E poder conversar de uma maneira um pouco mais lúdica e tranquila sobre o assunto. E é diante dos estigmas que acabam criando-se os medos e realmente perder alguém é muito difícil. Porém tem que evoluir como sociedade! Então trabalhar isso com os professores para que eles possam também conversar com seus alunos de morte, sem colocar um peso e uma dor desnecessária, seria muito válido e interessante. Então talvez, rodas de conversa possam falar um pouquinho mais sobre o processo de morte, seria algo muito mais válido e interessante para o professo.

P3: Criar uma grade, uma matéria optativa, algo desse sentido.

Meles (2014) relata que todo procedimento de suporte aos estudantes, quer por motivo de luto ou por outras situações que atinjam o desenvolvimento saudável, solicita cuidados, não só da família, mas também, do professor. Sukiennik (2000), aponta que o ambiente escolar deve ser um espaço com circunstâncias necessárias para o seguimento dos exercícios que beneficiam o desenvolvimento dos estudantes. Kovács (2012a), argumenta que a morte é uma situação natural da vida, que atinge pessoas de todas as idades. Como as crianças e jovens passam grande parte de seus dias no ambiente escolar, é importante dialogar sobre essas indagações, entretanto não há formação adequada para que os profissionais da educação tratem desse tema. A autora argumenta a importância da compreensão da perspectiva dos educadores em relação à morte e a forma que encaram seus procedimentos de luto, visto que as formas que são encarados os procedimentos do luto, prejudicam no modo de lidar no ambiente escolar.

No entanto, as universidades deveriam ter como objetivo “propiciar espaço para a expressão de emoções e sentimentos, além de focar aspectos teóricos”. Além de trabalhar com as dificuldades de lidar com questões de morte e o luto com os estudantes. (KOVÁCS, 2012a, p.50). Em muitos de seus textos, Kovács (2005; 2010; 2012a; 2010b; 2012c), cita as dificuldades dos professores para falar sobre a morte ou lidar com os estudantes enlutados “Entre as dificuldades apontadas para lidar com a morte, educadores referiram-se a: resistência, falta de preparo, necessidade de reforma curricular para evitar sobrecarga de trabalho,

estabelecer parcerias com o meio acadêmico e limites pessoais.” (Kovács, 2012c). Acreditamos que as parcerias estabelecidas com as universidades, durante a formação do docente, são de extrema importância para esse preparo.

Podemos observar que, apesar de serem comuns situações envolvendo perdas e mortes no contexto escolar, os profissionais da educação não têm formação para apoiar estudantes em situações de luto, ao menos dentro da maioria dos ambientes escolares (KOVÁCS, 2012c), pois nesse caso estudado em particular, há um profissional qualificado, formado pelo curso de psicologia para atender a demanda de estudantes em procedimento de luto. Nas escolas particulares, os professores possuem preparação para encaminhar os estudantes para acompanhamento psicológico, mas os mesmos não trabalham com o tema “morte” dentro da sala de aula. Em grande parte dos casos, o suporte que poderia ocorrer no ambiente escolar, é passado para a família, para que o genitor sobrevivente procure por apoio psicológico.

Atuar com questões relativas à morte não é simples. Vemos que não há debates nas instituições de ensino relacionadas ao tema pois trata-se de questionamentos particulares, sem protocolos ou respostas prontas para lidar com a situação. E é exatamente por esse motivo, que, apesar de tabu, é necessário aceitar falar sobre morte e ter empatia com os que vivenciam perdas, para que os profissionais da educação sejam preparados para tratar do tema na escola.

5 CONCLUSÕES

No presente artigo problematizamos sobre o papel da escola e dos profissionais de educação inseridos no cotidiano escolar sobre a forma que lidam com a morte e o luto sob a qual experimentam os alunos. Para tanto, foram ouvidos 3 psicólogas que atendem crianças e escolas da educação infantil ao 9º ano e vivenciam diariamente essa realidade.

Em relação à concepção de luto infantil, foram relatados sentimentos de perda, de sofrimento, de saudade, que a criança sente dos que faleceram, e que seus comportamentos manifestados diante essa perda, nem sempre serão apenas de tristeza e dor. Fica evidente que o sofrimento pertinente ao luto é pertencente do mundo infantil e frequentemente os estudantes não encontram-se capacitados para enfrentar essas emoções. Em razão disso, é relevante que escola e família disponham da devida capacitação para lidar com a questão.

Em referência à equipe pedagógica, os profissionais devem orientar os professores para que os mesmos percebam as mudanças de comportamento dos estudantes, conversem a respeito desse tema com eles, para saber o que está acontecendo, bem como devem conversar com a família a respeito, solicitando inclusive, o encaminhamento à profissionais capacitados para

lidar com o luto. No tocante à relação entre luto e dificuldades de aprendizagem, apuramos que o luto infantil, no ponto de vista dos profissionais, tem potencial para apresentar alguma consequência na aprendizagem, embora os entrevistados relataram que não trabalharam com crianças que tiveram queda no rendimento escolar.

Sobre o modo de lidar com crianças enlutadas, destacamos o diálogo adequado à idade e a união entre a escola e família. Acredita-se que, embora os profissionais não tenham formação para lidar com a temática, os mesmos devem buscar a melhor forma para contribuir com a aprendizagem do estudante. Assim, acreditamos que a aprendizagem abrange o contexto do estudante e observamos a importância dos profissionais entenderem as razões pelos quais seus estudantes estão com dificuldades de aprendizagem ou distúrbios comportamentais.

Assim, mesmo sendo uma temática vista com frequência no espaço escolar, há um despreparo dos profissionais para apoiar as crianças enlutadas. A responsabilidade pelo apoio que poderia acontecer na escola, e que ocorre nos contextos escolares privados é passada aos familiares nos contextos escolares públicos. Os familiares precisam procurar pela ajuda de psicólogos, o que nem sempre é possível devido ao fator econômico familiar.

Podemos abordar diante disso sobre implicações para políticas públicas, cobrando dos Poderes Executivos o cumprimento da Lei nº 13.935 de 11/12/2019 que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica, para que o acesso do estudante ao serviço de atendimento psicológico seja executado assim que os sintomas sejam diagnosticado pelo docente, ou antes mesmo que ocorram quaisquer dificuldades de aprendizagem ou distúrbios comportamentais ocasionados pelo luto. A formação no espaço escolar não deveria ser somente para inserir o indivíduo em uma ocupação profissional, entretanto, deveria ter como panorama, a formação para a vida e para a morte, priorizando a evolução do ser humano em sua integralidade e não exclusivamente em uma aprendizagem no qual os conteúdos tenham neutralidade, sem significado existencial.

Lecionar sobre a morte é transmitir conhecimentos correspondentes à natureza do indivíduo, sua vida e seus valores. Para tal, é essencial a criação de projetos para que esses conhecimentos relacionados à educação para a morte sejam transmitidos, bem como para que seja reconhecida a importância do viver como circunstância de aprendizagem e a morte como seu fim. Os estudantes que passam por situações de perdas, de mudanças diversas, e outras situações que pertencem ao universo infantil, além de traumas diversos que podem ocorrer a uma criança, precisam de atenção dos professores, pois esses são lutos frequentes e necessitam ser trabalhados em um ambiente que concede segurança e tranquilidade ao estudante e forneça

a oportunidade de lidar com as emoções ocasionadas pelo luto de maneira direcionada.

Consideramos essencial que sejam executadas ações que proporcionem a formação dos profissionais da educação sobre a temática morte e luto, tanto pela universidade no período acadêmico, por meio de matérias optativas, palestras, cursos de extensão, oficinas, como pela escola por meio de projetos de formação continuada, a fim de contribuir e orientar para uma legítima metodologia que discorra esse assunto, assim como para que os professores sejam capazes de contribuir com diálogo e orientação adequada aos estudantes enlutados.

É importante que a instituição escolar, juntamente com os familiares, saibam que a criança precisa vivenciar seu luto para que ela possa elaborar seus sentimentos, pois privá-la disso pode provocar sérios danos, tanto cognitivos quanto psicológicos. Para tal é importante que a criança tenha um diálogo aberto com a família, participe dos rituais fúnebres, caso ela queira, tenha orientação de profissionais da psicologia, e, como em grande parte dos casos, a psicoterapia é necessária, a fim de que minimize os danos provocados pelo luto. Reconhecemos que este artigo não finda o assunto e que as pesquisas precisam de investimento para serem aprofundadas, para que assim possamos obter mais elementos para discutir a temática da morte e do luto no contexto escolar, bem como dar suporte teórico aos professores e também às famílias, para lidar com o luto infantil e suas possíveis consequências.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº9394/96 - Brasília: Imprensa Oficial, 1996. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 20 de jul. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em 20 de jul. 2020.

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz- de- conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: Kishimoto, T. M. (Org.), 2o ed. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 57-71.

BOWLBY, John. **Apego, perda e separação**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BROMBERG, Maria Helena P. F. **A Psicoterapia em situações de perdas e luto**. Campinas – SP: Livro Pleno, 2000.

CÉSAR, Bel. **Morrer não se improvisa**: relatos que ajudam a compreender as necessidades emocionais e espirituais daqueles que enfrentam a morte. São Paulo: Gaia, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São

Paulo. Paz e Terra, 1996. (coleção leitura).

FREUD, Sigmund. (1917 [1915]). **Luto e melancolia**. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas. v. 12. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2010.

FREUD, Sigmund. (1917 [1915]). **Luto e melancolia**. In: Freud Essencial. 1ª Edição. São Paulo: LeBooks Editora, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. Disponível em <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em 02 ago. 2020.

KAPPEL, Aline dos Santos. Luto Infantil: um estudo através das representações. **Revista Maiêutica**, v.1, n.1, p.41-50, 2013. Disponível em: <https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/PED_EaD/article/view/1279>. Acesso em: 21 Out. 2020.

KOVÁCS, Maria Júlia. Representações de Morte. In: (Coord.) **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 1-13. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/e0105>>. Acesso em 05 mai. 2020.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano** (4ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.

KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casado Psicólogo, 2003.

KOVÁCS, Maria Julia. A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores. In: FRANCO, Maria Helena Pereira. (Org.) **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010. p. 145 – 168.

KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a morte. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 Ago. 2020.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte: Desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo - FAPESP, 2012a.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educadores e a morte. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP, v.16, p. 71-81, jan/jun, 2012b.

KOVÁCS, Maria Julia. Educadores e a morte. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 16, n. 1, p. 71-81, Junho 2012c . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Out. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2011. Disponível em:

<http://www.dem.fmed.uc.pt/Bibliografia/Livros_Educacao_Medica/Livro27.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2019.

MAGALHÃES, Ariana Trindade de Oliveira. **As representações sociais da morte para professoras e pais em instituições de educação infantil**. 2008. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/3743>>. Acesso em: 19 Set. 2020.

MAZORRA, Luciana. TINOCO, Valéria. **Luto na infância: intervenções psicológicas em diferentes contextos**. Campinas: Livro Pleno, 2005. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/400408192/Luto-na-Infancia-Intervencoes-psicologicas-em-diferentes-contextos-LIVRO-pdf>>. Acesso em: 11 Nov. 2020.

MELES, Marina Candiani. **O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar**. 104 f. Dissertação (Programa de PósGraduação em Educação)- Universidade de São Paulo, Ribeirão preto, 2014.

NALETTO, Ana Lúcia. Morte e luto no contexto escolar. In: MAZORRA, Luciana; TINOCO, Valeria. **Luto na infância: intervenções psicológicas em diferentes contextos**. Campinas, SP: Livro Pleno, 2005, p.111 a 127.

PEREIRA, José Carlos. Procedimentos para lidar com o tabu da morte. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 9, p. 2699-2709, Sept. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000900025&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Set. 2020.

RAIMBAULT, Ginette. **A criança e a morte: crianças doentes falam da morte: problemas da clínica do luto**. Traduzido por Roberto Cortes Lacerda. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Franklin Santana; INCONTRI, Dora. A educação para a vida e para a morte: do Ensino Fundamental à Universidade. In: SANTOS, Franklin Santana (Org.). **A Arte de Morrer: Visões Plurais**. vol.3. São Paulo: Editora Comenius, 2010, p. 16-29.

SANTOS, Franklin Santana; INCONTRI, Dora. As leis, a educação e a morte - uma proposta pedagógica de tanatologia no Brasil. **International Studies on Law and Education**. 2011 CEMOrOC-Feusp/IJI-Univ. do Porto. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle9/73-82Dora.pdf>>. Acesso em: 10 Ago. 2020.

SILVA, Andressa Fernanda da. **O luto e o processo aprendizagem na infância: reflexões iniciais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). – Universidade Estadual de Maringá – UEM. Orientadora: Profª Ms. Celma Regina Borghi Rodriguez, 2011. Disponível em: <http://old.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Andressa_da_Silva.pdf>. Acesso em: 03 Set. 2020.

SILVA, Cristiane Soletto. **Contribuições da psicologia existencial no enfrentamento das perdas e da morte**. 2007. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade do Vale do Itajaí, Vale do Itajaí, 2007. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Cristiane_Soletto_da_Silva.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

SUKIENNIK, Paulo Berél. Implicações da depressão e do risco de suicídio na escola durante a adolescência. **Adolescência latino-americana**, v.2, p.34-44, 2000.

TOMA, Marjory Dionizio; OLIVEIRA, Walter Lisboa; KANETA, Catalina Naomi. Comunicação de prognóstico reservado ao paciente infantil. **Rev. Bioét.**, Brasília , v. 22, n. 3, p. 540-549, Dec. 2014 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422014000300018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Nov. 2020.

TORRES, Wilma da Costa. **A criança diante da morte**: desafios. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

TORRES, Wilma da Costa. **O desenvolvimento cognitivo e a aquisição do conceito de morte em crianças de diferentes condições socio-experienciais**. 1996. 320f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/311860>>. Acesso em: 22 Abr. 2020.

YAEGASHI, Solange Franci Raimundo.; ANTUNES, Edivana Gomes Severino.; LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. As Representações Sociais de Profissionais da Educação Sobre Luto Infantil e Dificuldades de Aprendizagem. **Notandum**, n. 50, p. 103-123, 30 abr. 2019. Disponível em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/notandum/article/view/47444>>. Acesso em: 10 Set. 2020.